

## QUE BELO! NOTAS SOBRE A RESSIGNIFICAÇÃO DA FOTOGRAFIA DE CATÁSTROFE<sup>1</sup>

Giselle Xavier D'Avila Lucena<sup>2</sup>  
Polyana Inácio Rezende<sup>3</sup>

### RESUMO

Quando notícias e imagens de guerra circularam o mundo, poderia-se acreditar que tais fotografias teriam algum efeito social à favor da paz ou estimulariam determinada repulsa à guerra (SONTAG, 2003). Imagens que registram momentos de dor, sofrimento e violência parecem ainda possuir lugar privilegiado por mobilizar pessoas, visibilizar dramas, evocar posicionamentos políticos e sociais. Aqui, o objeto deste tipo fotografia é a maior cheia do Rio Acre, no Estado do Acre, vivida no primeiro semestre de 2015, quando o nível do rio chegou a 18 metros e afetou mais de 130 mil pessoas. A enchente alterou todo o funcionamento do estado ao fechar supermercados, escolas, agência dos Correios, prejudicar o abastecimento de água potável e de energia. Dezenas de fotografias eram compartilhadas diariamente nas redes sociais na internet. Neste trabalho, consideramos que as fotografias selecionadas resultam de uma cobertura ou trabalho de registro - documental/jornalístico - de uma das maiores calamidades vividas no Acre. Localizadas no *Facebook*, focamos nas interações em torno de tais imagens, ou seja, nos comentários e expressões dos usuários da rede social. Estranhar o trágico que, simultaneamente, é belo, na fotografia, não é algo novo. Estes aspectos revelam nuances documentais que, segundo André Rouillé (2009), dizem de uma "magia do verdadeiro", de "enunciados de verdade". Identifica-se manifestações de vislumbre, evidenciando imagens que parecem deslocar o olhar do observadores para um esquecimento do que têm diante de si.

**Palavras-chaves:** Fotografia; Resignificação; Rio Acre.

### ABSTRACT

When the news and war pictures were released to the world, it could be presumed that such photos would have some social effect in favor to peace or it would bring some war repulse (SONTAG, 2003). Pictures that show moments of pain, suffering and violence still seem to have privileged place when it comes to mobilize people, visualize dramas, and bring political and social statements. Here, the object of this kind of photography is the biggest flood of Rio Acre, in the state of Acre, which happened in the first semester of 2015, when the river's levels reached 18 meters and more than 130.000 people were affected. The flood changed the whole operation of the state, closing supermarkets, schools, post office, damaging the water and energy supply. Dozens of photos were daily shared on social networks. In this work, we consider that the selected photos are the result of a coverage or registration work – documentary/journalistic – from one of the Acre's biggest disasters. Originally from Facebook, we focus on the interactions

---

<sup>1</sup> Trabalho originalmente apresentando na 4ª Semana Acadêmica de Comunicação - SEACOM 2015, da Universidade Federal do Acre - UFAC.

<sup>2</sup> Professora do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Acre - UFAC. Mestre em Comunicação e Interações Midiáticas pela PUC Minas. E-mail: gisellelucena@gmail.com

<sup>3</sup> Doutoranda em Comunicação Social, pelo PPGCOM/UFMG, pesquisadora vinculada ao NucCom/UFMG. Mestre em Comunicação e Interações Midiáticas pela PUC Minas. E-mail: polyanainacio@gmail.com

enabled by the images, in other words, on the comments and expressions of Facebook's users. Being scared by the tragedy, which is simultaneously beautiful on photography, is not surprising. These aspects reveal documentary's varieties which, in accord to André Rouillé (2009), tell the "magic of the true", the "truth sentences". It is identified the glimpse manifestations, showing images that seem to move the observers' look for oblivion of what they have in front of themselves.

Keywords: Photography; Resignification; Rio Acre.

## **Introdução**

Imagens de violência fazem parte da história da fotografia. Durante as grandes guerras mundiais, a demanda por fotografias cresceu e possibilitou avanços técnicos e profissionais. Atualmente, a fotografia ocupa espaços ordinários e cotidianos, sendo objeto complexo para muitos estudos na área. A máquina, extensão do corpo humano, possibilita o registro, compartilhamento e visualização de imagens de maneira simples e rápida. Neste contexto, as imagens que registram momentos de dor, sofrimento, violência e/ou agressividade, ainda possuem lugar privilegiado por mobilizar pessoas, visibilizar dramas, evocar posicionamentos políticos e sociais.

Apresentamos aqui uma aproximação inicial teórica e empírica de uma pesquisa em andamento sobre a circulação e interações sociais possibilitadas por tais imagens. Neste momento, nos dedicamos às fotografias que registram uma calamidade e, por consequência, prejuízo e sofrimento a parte de alguma população. O objeto desta fotografia se refere à maior cheia do Rio Acre, no Estado do Acre, vivida no primeiro semestre de 2015. Naquele momento, dezenas de fotografias eram divulgadas e compartilhadas diariamente nas redes sociais na internet. Por meio de imagens postadas no *Facebook*, vamos nos focar nas interações que tais imagens possibilitaram, ou seja, nos comentários e expressões dos usuários da rede social. A metodologia pressupõe a recuperação destas imagens em perfis públicos, atentando para os comentários e interações em torno delas, considerando a reverberação dos aspectos trágicos desta ocorrência.

Assim, na primeira parte deste trabalho, apresentamos uma breve reflexão sobre processos históricos da fotografia. Na sequência, contextualizamos o acontecimento da enchente do Rio Acre, apresentando as fotos e seus comentários.

## **A fotografia acontece**

Quando notícias e imagens de guerra circularam o mundo, poderia-se acreditar que as fotografias da guerra teriam algum efeito social à favor da paz, gerar uma repulsa à guerra ou, ainda, “incentivar uma militância maior em favor da República” (SONTAG, 2003, p. 13). No jornalismo, as imagens chocantes eram utilizadas para atrair leitores, daí que a busca por imagens dramáticas “orienta o trabalho fotográfico e constitui uma parte da normalidade de uma cultura em que o choque se tornou um estímulo primordial de consumo e uma fonte de valor” (SONTAG, 2003, p. 24). Assim, temos que a história do fotojornalismo é também a história dos grandes conflitos mundiais, afinal, “o fotógrafo era um errante que tinha como destino predileto guerras de interesse incomum” (SONTAG, 2003, p. 33).

Entre exemplos de tais imagens, podemos citar Kevin Carter e sua foto feita no Sudão, de um abutre e uma criança; também a imagem de crianças correndo na rua, uma delas, uma menina nua, durante a Guerra do Vietnã, de autoria de Nick Ut. Ambas as fotos contempladas com o Prêmio Pulitzer; e, mais recentemente, as imagens de um menino sírio morto numa praia da Turquia<sup>4</sup>. Não demorou muito e para que uma imagem circulasse no *Facebook* (FIGURA 1), trazendo à memória estas três fotografias.

---

<sup>4</sup> Em matéria sobre o acontecido, no site do G1, do Globo.com, logo no início do texto, há um aviso em letras garrafais para alertar ao que se segue: “A imagem é forte”.

Figura 1



Fonte: Página de “Meu Sonho Não Tem Fim”, 2015

Em uma reportagem sobre esta última fotografia citada, o G1, da Globo.com, lança em seu subtítulo: “Jornal inglês questiona se poder da imagem fará Europa mudar política”. Na matéria, lê-se a respeito da repercussão da imagem das redes sociais:

A foto virou um dos assuntos mais comentados no *Twitter* e diversos veículos da imprensa internacional o destacaram como emblemática da gravidade da situação, até mesmo com potencial para ser um divisor de águas na política europeia para os imigrantes. "Se estas imagens com poder extraordinário de uma criança síria morta levada a uma praia não mudarem as atitudes da Europa com relação aos refugiados, o que mudará?", questiona o jornal britânico *"Independent"*. (...) *"The Guardian"*, outro jornal britânico, disse que as fotos levaram para as casas das pessoas "todo o horror da tragédia humana que vem acontecendo no litoral da Europa". O americano *"Washington Post"* classificou a imagem de "o mais trágico símbolo da crise de refugiados do Mediterrâneo". (G1, 2015)

A esperança de que a fotografia seja tão chocante a ponto de gerar mudanças é antiga. Como diz Sontag, “para apresentar uma denúncia, e talvez modificar um comportamento, os fotógrafos precisam chocar” (2003, p. 69). A distribuição dessa fotografia nos oportuniza ver, mesmo que à distância, o sofrimento de outras pessoas. Mas, ao contrário de um clamor por mudança, pode gerar, sim “apenas a atordoada

consciência, continuamente reabastecida por informações fotográficas, de que coisas terríveis acontecem (SONTAG, 2003, p. 16). E assim:

A consciência do sofrimento que se acumula em um elenco seletivo de guerras travadas em terras distantes é algo construído. Sobretudo na forma como as câmeras registram, o sofrimento explode, é compartilhado por muita gente e depois desaparece de vista. (SONTAG, 2003, p. 21).

O sofrimento desaparece e o acontecimento também. Mas pode ser que a foto fique, desenhando um cenário onde as imagens parecem marcar a história até mesmo mais que o acontecimento. Em outras palavras, muitas vezes se tem na memória a foto mais nítida do que a informação do que se passou. Para Sontag (2003), o problema que existe aqui não é lembrar por meio das fotos, mas lembrar somente das fotos. “Lembrar, cada vez mais, não é recordar uma história, e sim ser capaz de evocar uma imagem” (SONTAG, 2003, p. 75).

Aqui, começamos a nos deparar com alguns paradoxos da fotografia. Como documento histórico, a fotografia será sempre uma prova de que a coisa fotografada existiu. “Na fotografia não posso nunca negar que a coisa esteve lá. Há uma dupla posição conjunta: de realidade e de passado” (BARTHES, 1980 apud ROUILLÉ, 2009, p. 71). Por outro lado, a fotografia, ao percorrer grandes distâncias e ser acompanhada de diferentes textos, é permeada de ressignificações. “As intenções do fotógrafo não determinam o significado da foto, que seguirá seu próprio curso, ao sabor dos caprichos e das lealdades das diversas comunidades que dela fizerem uso” (SONTAG, 2003, p. 36).

## **Um passeio pelo rio**

O maior meio de transporte no Acre é por meio de rios. O nome do Estado, aliás, se desdobra da palavra “Aquiri”, que, na língua dos índios Apurinã, significa Rio de Jacarés. A cidade de Rio Branco nasceu e se desenvolveu em torno do Rio Acre, mesmo tendo seu fluxo imprevisível, onde “depois de uma única enchente se desmancham os trabalhos de um hidrógrafo” (CUNHA, 1999, p. 02).

No primeiro semestre 2015, o nível do rio chegou a 18 metros e invadiu ruas, casas, prédios públicos e centros históricos, atingindo mais de 130 mil pessoas, segundo a Agência de Notícias do Acre<sup>5</sup>. A enchente do rio que corta o centro da capital acreana

---

<sup>5</sup> Matéria completa pode ser conferida no site da Agência de Notícias do Acre, por meio do link: <http://www.agencia.ac.gov.br/doacoes-fazem-a-diferenca-no-apoio-as-vitimas-da-alagacao/>. Acesso em novembro de 2015.

# TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

afetou todo o funcionamento do estado ao fechar supermercados, escolas, agência dos Correios, prejudicar o abastecimento de água potável e de energia. Dezenas de fotos foram compartilhadas pelos sites de notícias e nas redes sociais, como o *Facebook*. Em um breve passeio na rede, foi feita uma observação dos álbuns dos principais fotógrafos do estado. Apresentamos aqui algumas destas imagens, priorizando aquelas em que houve comentários. O número de curtidas e compartilhamento está à título de informação, mas não foi determinante na seleção da imagem para a discussão. Embora a curtida e o compartilhamento também sejam repercussão, interessa-nos, neste momento, os comentários.

Na sequência de cada imagem, colocamos a legenda que a acompanhava e os dados sobre curtidas e compartilhamentos, bem como os comentários que a postagem recebeu.

**Figura 2**



**Fonte: MARGARIDO, 2015.**

# TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

Junto à foto acima (FIGURA 2), o autor postou a seguinte legenda: “Começou a chover com essa imagem da 6 de agosto”. Na postagem original, a foto recebeu 118 curtidas, 14 comentários e foi compartilhada 26 vezes (recebendo outros comentários e curtidas a partir disso). Entre os comentários, temos os seguintes:

**Usuário a)** #surreal

**Usuário b)** linda foto! Beleza na tragédia

**Usuário c)** Caralho! Que foto, bicho! Puta merda!

**Figura 3**



Fonte: VALE, 2015a.

# TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

Na postagem da foto acima (FIGURA 3), o autor apresentou informações objetivas sobre a situação do rio naquele momento:

RIO BRANCO  
NÍVEL DO RIO ACRE  
18,26m  
29 abrigos públicos e comunitários.  
Total de 2.218 famílias  
7.444 pessoas até o momento.  
Medição das 22 horas - 03/03

Esta imagem foi compartilhada 21 vezes, recebeu 88 curtidas e 6 comentários. Eis alguns deles:

**Usuário a)** Linda foto mano; porém triste.

**Usuário b)** foto show, Sérgio Vale!

**Usuário c)** Apesar da tragédia que estamos passando... foto linda assim so você sabe fazer sergio!!

**Figura 4**



**Fonte: VICENTTI, 2015**

A foto acima (FIGURA 4) foi postada acompanhada da seguinte legenda: “Bom dia!! Depois da enchente que atingiu mais de 30% da população de Rio Branco é hora de voltar para casa na esperança de dias melhores. Bairro Taquari”. Ela recebeu 93 curtidas e foi compartilhada 5 vezes. Entre os comentários:

**Usuário a)** Show de fotografia (...).

**Usuário b)** A tragédia e a tristeza transformada em arte

**Usuário c)** top...a foto

**Usuário c)** Que foto é essa em meu amigo? Lamentável a tristeza, mais o seu trabalho foi excelente... Essa foto falta falar... Parabéns...

Em todas estas imagens, portanto, identificamos comentários que expressam vislumbre pela beleza estética da foto. Mesmo “apesar da tragédia”, como lembra o autor de um dos comentários, é possível achar a foto bela, isolada do acontecimento que registra.

## **Outras nascentes (ou as considerações finais)**

Estranhar o trágico que simultaneamente também é belo, na fotografia, não é algo novo. Aspectos estes que revelam nuances "documentais" na imagem. Nuances que segundo Rouillé (2009) dizem de uma "magia do verdadeiro", de "enunciados de verdade", de um "culto ao referente" que o autor recupera de Roland Barthes. As imagens, em sua circulação natural “tendem de fato a autonomizar-se diante do mundo real e tornar-se, elas próprias, mundo” (ROUILLÉ, 2009, p. 71). Além disso, uma fotografia não é apenas percebida, ela é “lida, ligada mais ou menos conscientemente pelo público que a consome a uma reserva tradicional de signos” (BARTHES, 1990, p. 14). Ou seja, a fotografia pode ser naturalmente ressignificada.

Consideramos que as fotografias selecionadas resultam de uma cobertura ou trabalho de registro - documental/jornalístico - do evento/acontecimento em questão: uma das maiores calamidades vividas no Acre. Os autores das fotos selecionadas, com exceção de Silvio Margarido, são diretamente ligados ao governo do Estado, mais especificamente à Agência de Notícias do Acre. Essa informação é importante para considerarmos que estes fotógrafos, provavelmente, foram privilegiados no que diz respeito às condições técnicas de acesso aos locais atingidos. Além disso, pode-se pensar, também, que tenha existido deliberadamente a proposta de gerar/construir uma outra visão/perspectiva/imagem da catástrofe.

Outra questão a se pensar é: mesmo não estando impressas em um jornal, tais fotografias parecem ter um potencial jornalístico e carregam a dualidade de, ao mesmo tempo, denunciar, informar e seduzir. Também é importante pensar o *Facebook*, e todo o cenário descontextualizante da rede social, como um dispositivo que contribui ainda mais na ressignificação dessa imagem.

A reflexão deste trabalho também aponta para uma necessidade de se pensar sobre o Rio Acre: um rio que corta a cidade; um rio cujas margens foram as primeiras ruas de Rio Branco; um rio que, todos os anos, atinge alto nível de seca e de cheia. Ele faz parte da história e do cotidiano da população. Talvez exista, portanto, uma afetividade espontânea que contribua para uma relação de afetividade e admiração.

Além disso, quase oito meses depois da enchente e num momento de intensa produção e circulação de imagens, há uma pergunta curiosa a se fazer: quais imagens são as mais lembradas? Em uma pesquisa prévia, algumas respostas sinalizam pontos importantes: foram lembradas, na maioria das vezes, fotos em que aparecem animais e fotos aéreas, feitas por drones. A Figura 5 mostra uma dessas fotos.

**Figura 5**



Fonte: VALE, 2015b

A partir de imagens postadas no *Facebook*, não nos atemos à uma análise da composição da imagem ou do seu conteúdo estético, afinal, consideramos que a imagem é produto de uma cobertura ou um processo de registro de uma das maiores calamidades vividas no estado. Conforme os comentários postados diante de tais imagens, visualizamos manifestações de vislumbre em relação ao aspecto documental de tais registro, evidenciando momentos em que os observadores parecem olhar e perder o fato que têm diante de si; parecem esquecer a calamidade que está impressa na imagem; ou seja, o olhar do observador se descola do referente contido na imagem. Assim, o espectador se apossa da imagem como uma arte, convoca outras referências e expressa: “que foto bonita!”. Aqui, certamente, referência, que é, afinal, “é a ordem fundadora da fotografia” (BARTHES *apud* ROUILLÉ, 2009, p.70), não é mais a enchente.

O acontecimento, o fato, uma ocorrência como esta pode nos afetar não apenas por adentrar o domínio da experiência concreta (FRANÇA, 2012), mas também através da imagem que nos permite ressignificar tal ocorrência. Delas, nos apropriaremos conforme nosso conjunto de experiências e repertório de vida. Percebemos, aqui, que ambas ideias - acontecimento e fotografia - enquadram e sinalizam para importantes reflexões sobre os processos de significação e ressignificação na atualidade.

## Referências

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1990.

CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANÇA, Renné Oliveira. Acontecimento. In: FRANÇA, Vera Veiga; MARTINS, Bruno Guimarães; MENDES, André Melo (orgs). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): Trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. In: **Galáxia**. n. 24, p. 10-21. PUC-SP, 2012.

G1. **Foto chocante de menino morto revela crueldade de crise migratória**. São Paulo, setembro de 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html>>, acesso em novembro de 2015.

MARGARIDO, Silvio. Começou a chover com essa imagem da 6 de agosto. Facebook. 2 de março de 2015. Disponível em: <<https://www.Facebook.com/photo.php?fbid=1010400152308311&set=pb.100000150070966.-2207520000.1444158573.&type=3&theater>>. Acesso em novembro de 2015.

# TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

PÁGINA DE MEU SONHO NÃO TEM FIM. “Aprendemos a voar como pássaros, a nadar como peixes, mas ainda não aprendemos a conviver como irmãos.” - Martin Luther King: Facebook, 6 set. 2015. Disponível em: <[https://www.Facebook.com/meusonhonaotemfim/photos/a.269022046452359.64130.260174230670474/997595306928359/?type=3&\\_\\_mref=message\\_bubble](https://www.Facebook.com/meusonhonaotemfim/photos/a.269022046452359.64130.260174230670474/997595306928359/?type=3&__mref=message_bubble)>. Acesso em nov. 2015.

ROUILLÉ, André. **A fotografia - entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac, 2009.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VALE, Vale. **RIO BRANCO - NÍVEL DO RIO ACRE**. Facebook. 4 de março de 2015a. Disponível em: <[https://www.Facebook.com/photo.php?fbid=10200212238623935&set=pb.1691296662.-2207520000.1444743189.&type=3&src=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-b-a.akamaihd.net%2Fhphotos-ak-xpf1%2Fv%2Ft1.0-9%2F11020264\\_10200212238623935\\_1457754276100210133\\_n.jpg%3Foh%3Df65e4573c45518acc742e4b38f470c6a%26oe%3D568E254E%26\\_gda\\_%3D1452183345\\_956bf9f26c5282eccf6f6685e06c354b&size=960%2C662](https://www.Facebook.com/photo.php?fbid=10200212238623935&set=pb.1691296662.-2207520000.1444743189.&type=3&src=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-b-a.akamaihd.net%2Fhphotos-ak-xpf1%2Fv%2Ft1.0-9%2F11020264_10200212238623935_1457754276100210133_n.jpg%3Foh%3Df65e4573c45518acc742e4b38f470c6a%26oe%3D568E254E%26_gda_%3D1452183345_956bf9f26c5282eccf6f6685e06c354b&size=960%2C662)>. Acesso em novembro de 2015.

VALE, Sérgio. **Situação dramática que vive o município de Brasília**. Facebook. 24 de fevereiro de 2015b. Disponível em: <[https://www.Facebook.com/photo.php?fbid=10200190688285190&set=pb.1691296662.-2207520000.1444743189.&type=3&src=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-f-a.akamaihd.net%2Fhphotos-ak-xpf1%2Ft31.0-8%2F11021423\\_10200190688285190\\_5621425824665946429\\_o.jpg&smallsrc=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-f-a.akamaihd.net%2Fhphotos-ak-xpf1%2Fv%2Ft1.0-9%2F11021078\\_10200190688285190\\_5621425824665946429\\_n.jpg%3Foh%3D8141a25809f00237a028045f2324210e%26oe%3D56852F19%26\\_gda\\_%3D1456341862\\_53fc5e4b1c73f0aa9b2ed24a94803ffd&size=2000%2C968](https://www.Facebook.com/photo.php?fbid=10200190688285190&set=pb.1691296662.-2207520000.1444743189.&type=3&src=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-f-a.akamaihd.net%2Fhphotos-ak-xpf1%2Ft31.0-8%2F11021423_10200190688285190_5621425824665946429_o.jpg&smallsrc=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-f-a.akamaihd.net%2Fhphotos-ak-xpf1%2Fv%2Ft1.0-9%2F11021078_10200190688285190_5621425824665946429_n.jpg%3Foh%3D8141a25809f00237a028045f2324210e%26oe%3D56852F19%26_gda_%3D1456341862_53fc5e4b1c73f0aa9b2ed24a94803ffd&size=2000%2C968)>. Acesso em novembro de 2015.

VICENTTI, Marcos. **Bom dia!! (...)**. Facebook. 31 de março de 2015. Disponível em: <<https://www.Facebook.com/photo.php?fbid=800857413323859&set=a.348710478538557.81263.100001988232337&type=3&theater>>. Acesso em novembro de 2015.